

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE HISTÓRIA DA URCA: INCLUSÃO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Maria Arleilma Ferreira de Sousa; Ana Cristina de Sales; Cícero Joaquim dos Santos.

*Universidade Regional do Cariri – URCA; arleilmasousa@hotmail.com
Universidade Regional do Cariri – URCA; anasalesprof@gmail.com; Universidade Regional do Cariri –
URCA;cjoaquims@yahoo.com.br;*

Resumo: A escola reflete a realidade da sociedade na qual está inserida, sendo assim, também se configura como um espaço de exclusão. Nesse sentido, nos cabe indagar: qual o papel dos educadores nesse contexto? Qual a função dos cursos de formação de professores na atualidade? Esse trabalho busca refletir sobre a formação de professores na região do Cariri cearense a partir da prática de experiência desenvolvida ao longo das disciplinas de Estágio Supervisionado em História do curso de Licenciatura Plena em História na Universidade Regional do Cariri – URCA-CE. O Estágio é um dos momentos mais importante de um curso de licenciatura, pois é o período no qual o discente tem a oportunidade de entrar em contato com a escola, seu futuro campo de atuação. Os Estágios Supervisionados em História da URCA tem possibilitado um maior envolvimento dos professores regente das disciplinas, dos professores que recepcionam e acompanham os estagiários na escola e dos professorandos em formação. Nos últimos anos foram realizados Seminários de Estágio cuja finalidade foi estabelecer uma aproximação mais direta entre Universidade e Escola e contribuir com o processo de formação de ambos.

Palavras-chave: Estágio, Educação, Ensino, Experiência.

Introdução

Há quem serve à Educação no Brasil? Durante muito tempo os profissionais da educação refletem sobre tal indagação. Ao longo da História da Educação no Brasil a instrução pública foi por muito tempo excluída para mulheres, pobres e negros. Com a atuação dos movimentos sociais, da resistência cotidiana e da ação de algumas políticas públicas alguns avanços foram alcançados no campo da educação e na participação de algumas categorias sociais na área do ensino ao longo do século XX.

Durante o novecentos percebemos algumas transformações no campo da educação em terras brasileiras. Entretanto, esses avanços foram intercalados por momentos de retrocessos, não diferente aconteceu durante todo o Século XX. Como podemos analisar durante o período da ditadura militar em que os direitos civis foram negados e a educação passou pela vigilância e truculência do Estado ditatorial. A prática de ensino durante a segunda metade do século XX foi marcado por desânimo, exclusão e medo. A política de formação de professores, praticamente não existente, foi marcada por formar o professor para ensinar aquilo que era conveniente ao Estado opressor.

Os anos de redemocratização e o retorno da democracia possibilitou um conjunto de transformações na Educação brasileira. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais pautaram-se na necessidade do contexto daquele momento. Os anos de 1990 recepcionaram a ressaca de mais de 20 anos de ditadura militar. O país se renovava e a Educação também acompanhava esse processo.

Na preeminência do século XXI, os intelectuais e os dirigentes do capitalismo assumiram um papel decisivo no processo de estabelecimento de bases políticas e sociais para legitimar a configuração mais recente do capitalismo em nosso país. O chamado *capitalismo de terceira via*. Segundo GIDDENS (2001a; 2001b), apud MARTINS (2009).

Estamos vivendo em tempos de uma nova pedagogia da hegemonia, inspirada no projeto de atualização da agenda da social-democracia no mundo, denominado de neoliberalismo da Terceira Via. O projeto, inserido em diferentes formações sociais, sintetiza um conjunto de orientações e diretrizes que, segundo seus formuladores, localiza-se num “meio termo”, algo entre a social-democracia clássica e o neoliberalismo ortodoxo. (MARTINS, 2009, p.21).

Esses sujeitos políticos assumiram o desafio de assegurar a posição de classe dominante-dirigente e apresentar possíveis “soluções” para os problemas gerados pelas políticas neoliberais. Para isso, reconstruiu o padrão de sociabilidade, o que exigiu a atualização de estratégias pré-existentes e a produção de novas possibilidades.

Essa perspectiva apareceu no Brasil a partir da década de 1990, e, de maneira mais incisiva, nos primeiros anos do século XXI. As ideias básicas envolvem: a “redemocratização da democracia” e a “repolitização da política”. Desses conceitos derivam algumas formulações: surgimento da “nova cidadania”, do “novo coletivismo”, o fortalecimento da “nova sociedade civil” e a necessidade do “Estado gerencial”.

Iniciativas que visam a reduzir a sociedade civil à noção de “terceiro setor” ou “sociedade civil ativa”, incentivar as práticas de “voluntariado” e legitimar as empresas como “cidadãs”, ou organismos “socialmente responsáveis”, são exemplos da atuação das forças do capital para produzir a nova sociabilidade. Essas iniciativas acabaram resultando na reeducação da própria classe burguesa, permitindo o surgimento de uma “direita para o social”, ou seja, um amplo agrupamento de empresários que passa a atuar na ampliação dos horizontes de luta política por meio de intervenções sistemáticas nas “questões sociais”. (MARTINS, 2009, p. 22)

Na atualidade, a partir dessa nova configuração alguns projetos foram traçados com o intuito de solucionar os problemas da Educação no Brasil. Entre esses projetos o eixo central é o “Todos pela Educação”. Tendo grupos de grandes empresários no controle ideológico e econômico na aplicabilidade de tal projeto, o objetivo

principal é fazer com que a educação brasileira cresça à nível internacional e que o Brasil possa competir de forma mais igualitária com os grandes mercados consumidores europeus.

A partir do “Todos pela Educação”, outros projetos foram se desmembrando desse, como, a Reforma do Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular, entre outros. Com a justificativa de elevar os índices da educação no Brasil, a aplicabilidade desses projetos está levando à exclusão de trabalhadores e pobres dos bancos escolares. A reforma do Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular, da forma como vem acontecendo, excluem os alunos pobres e trabalhadores da possibilidade de cursar o Ensino Médio. Seria esse um dos objetivos dos gerenciadores do capitalismo? É algo a ser refletido. Diante desse contexto os professores necessitam estar preparados para atender essas demandas.

Entretanto, uma crítica que se faz é com relação a não existência de uma política de formação de professores. Nesse sentido, as instituições que são responsáveis pela formação dos docentes tem uma responsabilidade imensa. Devemos está preparados para atuar no sentido de contribuir com o processo de construção da identidade docente na atualidade. De acordo com Fonseca (2003), é durante a graduação que o professorando tem condições de conhecer as peculiaridades de sua profissão e de se reconhecer enquanto futuro profissional da área.

Sabemos que a escola reflete a realidade da sociedade na qual está inserida, sendo assim, também um espaço de exclusão. Nesse sentido, qual o papel dos educadores nesse contexto? Qual a função dos cursos de formação de professores diante desse cenário? Esse trabalho busca refletir sobre a formação de professores na região do Cariri cearense a partir da prática de estágio desenvolvida ao longo das disciplinas de Estágio Supervisionado em História do curso de Licenciatura em História na Universidade Regional do Cariri - URCA.

O período de desenvolvimento da experiência se deu ao longo de dois semestres letivos (1 ano) e durante esse período foi aplicado um projeto de monitoria tendo como título: *Construindo Identidades: Cultura (s), Sujeito(s) e Cidadania na formação de professores do curso de História da URCA*. Tendo como objetivo possibilitar o debate entre teoria e prática na formação de professores de História da URCA, ao mesmo tempo em que viabilizou a interação entre professor regente da disciplina, professor receptor dos estagiários na escola, alunos e bolsista no desenvolvimento da disciplina e na prática de Estágio Supervisionado em História.

Ao final desse processo tivemos como culminância do projeto a organização e realização do I

e do II Seminário de Estágio Supervisionado em História. A realização desses eventos foi muito proveitosa porque possibilitou a reflexão sobre a prática docente, tanto dos professores titulares como dos alunos estagiários. A socialização das experiências em sala de aula nos possibilitou um maior entrosamento com as escolas e os professores que recebem os alunos de estágio.

Por uma Formação de professores voltada para a construção de suas Identidades Docentes.

Estudos relacionados com as questões de ensino têm desenvolvido de forma significativa algumas contribuições no debate acerca de um currículo multicultural e inclusivo. Ao abordar as relações entre Universidade, escola, sociedade e cultura, possibilitando a compreensão do papel realizado pelas instituições de ensino na produção da memória coletiva, das identidades sociais e culturais da reprodução e transformação das relações de poder no mundo atual. Os desafios enfrentados pelos professores são imensos, sobretudo no panorama político do Brasil contemporâneo.

A escola desempenha um papel de receptora e formadora de indivíduos, entretanto as atribuições endereçadas ao professor tornam o seu cotidiano e a suas práticas cansativas. FONSECA (2003) fala do mal estar docente na atualidade em que o professor desempenha milhares de funções, ao mesmo tempo, em que necessita de um processo contínuo de formação e qualificação. O estágio desempenha uma grande contribuição, pois a identidade profissional é construída ao longo da formação e da prática de ensino.

É sobretudo na formação inicial, nos cursos superiores de graduação, que os saberes históricos e pedagógicos são mobilizados, problematizados, sistematizados incorporados à experiência de construção do saber docente. Trata-se de um importante momento de construção da identidade pessoal e profissional do professor, espaço de construção de maneiras de ser e estar na futura profissão. (IDEM, 2003, p. 60)

O Estágio Supervisionado em História I, do curso de História da URCA, tem como objetivo possibilitar o primeiro contato do graduando com o seu futuro campo de trabalho, a escola. Esse momento é de redescoberta da escola, levando em consideração que o contato estabelecido entre o aluno de graduação com a instituição escolar era na qualidade de estudante, e agora ao se inserir novamente no espaço escolar, desempenha outra função, a de

estagiário- professor. Esse momento é marcado de desafios e descobertas que possibilitam o desenvolvimento de sua prática.

Durante o Estágio Supervisionado em História II o aluno deve iniciar a sua prática de regência em sala de aula no ensino fundamental II, esse período é permeado de receios e desafios, haja vista a responsabilidade de gerir uma sala de aula e desempenhar o papel de docente. Essa oportunidade é extremamente significativa na vida do discente de graduação, pois possibilita o sentir e o fazer ser professor.

A identidade do professor é construída através da sua formação, dos exemplos positivos e negativos de professores que conheceu durante seu percurso na educação, das experiências humanas e sociais que adquiriu ao longo da vida e da prática de ensino que exerce. Assim, durante seu processo inicial de formação, este vai tecendo a construção do seu jeito de ser enquanto profissional, da sua identidade docente. Sendo o estágio um dos momentos cruciais para os graduandos se inserirem e se fazer ser na profissão.

É na prática de Estágio Supervisionado III que o graduando deve realizar sua experiência de regência no Ensino médio. Essa etapa também se enquadra como momento de grande desafio, pois é a hora de se fazer professor atuante em outro nível de ensino, com público diferenciado do primeiro. Comandar uma sala com alunos desconfiados, preparar aula. O medo, a insegurança, a vontade de desistir são reações imediatas, mas, a medida que o estagiário vai desenvolvendo seu trabalho a confiança vai surgindo.

Não se aprende a ser professor através de cursos ou de uma receita qualquer. Só a prática, o cotidiano e a reflexão sobre sua atuação, o fazem aprender. Aprende-se a ser professor exercendo o ofício cotidianamente. Assim sendo, o objetivo principal dos estágios é fazer o aluno conhecer o seu campo de atuação e de como se posicionar em sala de aula. Para LIMA (2012), não nos tornamos professores da noite para o dia. Ao contrário, fomos constituindo essa identificação com a profissão docente no decorrer da vida, tanto pelos exemplos positivos, como pela negação de modelos.

Nesse sentido, o Núcleo de Ensino do Departamento de História da URCA vem desenvolvendo ao final de cada semestre um Seminário de Estágio Supervisionado. O objetivo é promover o encontro dos alunos de estágio, os professores da rede básica de ensino que atendem esses estagiários, os discentes que cursam uma segunda licenciatura como o PARFOR (Plano Nacional de Formação de

Professores), os estudantes do mestrado profissional em Ensino de História (PROFHITÓRIA) e o público em geral. O intuito é a partilha de experiências sobre a formação e a prática de ensino. Dessa forma a experiência do acompanhamento do estágio tem como objetivo o debate acerca da prática de estágio e da formação da identidade do professor no mundo atual.

O trabalho com a Educação e com a formação de professores nos ajuda a pensar sobre nós mesmos e sobre a sociedade que desejamos. Ao considerarmos os homens como seres históricos que aprendem com a educação, seja ela formal ou informal, somos instigados a perceber o quanto é importante refletir sobre as questões histórico-educativas, porque contribuem para formar não só um indivíduo observador, mas também sujeito com capacidade crítica para analisar o processo no qual está inserido:

[...] o papel da educação é a formação humana e se o homem se define pela sua historicidade, então o educador só pode desempenhar adequadamente a sua função na medida em que se enraizar historicamente. Se para formar homens, é necessário um profundo conhecimento da realidade humana e se a realidade humana é essencialmente histórica, então o educador precisa dominar, precisa conhecer a história. (SAVIANI, 2003, p. 21).

Ao ministrarmos as disciplinas de Estágio Supervisionado no curso de História da URCA somos instigados a refletir sobre a atual conjuntura da Educação no Brasil. Dessa forma, como recurso metodológico para sistematizar a socialização das experiências dos estágios, promovemos dois Seminários para discutirmos as questões. O primeiro Seminário de Estágio Supervisionado em História aconteceu nas dependências da URCA, Campus Pimenta, Crato/CE, no período de 09 a 10 de dezembro de 2016, tendo como tema: *Linguagens e Sensibilidades*. Essa primeira experiência contou com a participação dos graduandos do curso de História da URCA e de estudantes de outros cursos da Instituição. Durante o evento tivemos mesas – redonda e grupos de trabalhos para socializar as experiências dos estágios.

O segundo evento desse nível aconteceu também na URCA, Campus Pimenta, Crato, CE, no período de 26 e 27 de maio de 2017 e teve como temática: *Cultura(s), Sujeito(s) e Cidadania*. Esse evento foi marcado por um maior envolvimento do departamento de História da URCA, dos estudantes, participando não apenas os alunos matriculados nas disciplinas de estágio, mas o curso de forma geral, participaram também os alunos do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores) e os alunos do mestrado profissional em Ensino de

História (PROFHISTÓRIA), que atuaram na organização, na composição das mesas - redonda e na coordenação dos grupos de trabalho.

A experiência desses dois Seminários de Estágio Supervisionado em História foi bastante proveitosa para os professores que ministram as disciplinas de estágio, para os alunos, os docentes das escolas que recebem os estagiários e para o público em geral. Apesar de alguns avanços, a Universidade ainda está muito distante da realidade dos espaços escolares. Os professores que estão diariamente “no chão da escola”, possuem saberes e experiências extremamente ricas para o nosso processo de formação e para compreensão da realidade da educação brasileira.

TARDIFF (2010) afirma que os saberes docentes dos professores devem ser respeitados e valorizados, o professor é um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. Assim sendo, um dos desafios atuais dos programas de formação de professores é estabelecer uma relação mais próxima entre a Escola e a Universidade. O saber oriundo dos profissionais da educação básica é tão importante quanto os saberes acadêmicos. “A desvalorização dos saberes dos professores pelas autoridades educacionais, escolares e universitárias não é um problema epistemológico ou cognitivo, mas político”. (Idem, p.243). Precisamos resistir a essa exclusão que os profissionais do ensino básico sofrem, necessitamos está mais próximo da escola e também devemos estimular para que a escola esteja perto de nós, propiciando momentos de encontros e de relações de saberes.

Considerações Finais

O Estágio Supervisionado em História é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de trabalho. É através da observação do espaço escolar, da participação nas atividades pedagógicas e da regência em sala de aula, que o discente terá a oportunidade de refletir e ponderar suas futuras ações na prática de ensino. Dessa forma, seu processo de formação se torna mais significativa quando essas experiências são socializadas em sala de aula com seus colegas e professores, na escola campo de estágio, com seus alunos e demais grupos sociais.

Ao se tornar objeto de estudo e reflexão, o Estágio Supervisionado em História pode ser um agente que contribui na formação do professor. Ao passar pelo processo dos estágios, o futuro professor passa a analisar a educação com outro olhar, procurando entender a realidade da escola e o comportamento dos alunos,

dos professores e dos profissionais que a compõem. Ao vivenciar o cotidiano da escola, o professor em formação pode se tornar capaz de analisar criticamente sobre as questões que permeiam a escola, podendo intervir positivamente.

Assim, ao cursar as disciplinas de Estágio Supervisionado em História, muitas vezes vem à tona a insegurança, o medo e o receio de não desenvolver um bom trabalho em sala de aula, de não conseguir exercer o trabalho docente com eficiência. Os principais desafios iniciais são: dominar a classe, saber todo o conteúdo que julgam necessário, o método que deve ser adotado, e a aplicação da aula. Entretanto, ainda existem aqueles estudantes de licenciatura que não anseiam em ministrar aulas. Que afirmam não terem “vocação”.

Acreditamos que as pessoas que não atuam ou nunca atuaram no interior da escola possuem conhecimentos superficiais da realidade escolar. A prática de estágio, quando vem acompanhada de uma fundamentação teórica, possibilita aos professorandos um entendimento mais claro com relação a realidade escolar. É através do estágio que o acadêmico pode identificar novas e variadas estratégias para solucionar problemas que muitas vezes ele nem imaginava encontrar na sua área profissional.

A experiência de trabalhar com as disciplinas de Estágio Supervisionado em História na Universidade Regional do Cariri - URCA vem nos possibilitando uma maior aproximação com a educação básica e com os profissionais que nela atuam fazendo com que os laços entre Universidade e Escola se estreitem, propiciando o desenvolvimento da formação de quem está envolvido nesse processo.

Referências Bibliográficas:

BIANCHI, Alvaro. Crise e representação empresarial: o surgimento do pensamento Nacional das bases empresariais. *Revista de Sociologia Política*, jun 2001, n.16, p.123-142, Curitiba, 2001.

CANDAU, Vera Maria *et al.* *Educação em direitos humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2013.

COUTO, Regina Célia do; FONSECA, Selva Guimarães. A formação de professores de História no Brasil: Perspectivas desafiadoras do nosso tempo. In: ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães (Orgs.). *Espaços de formação do professor de história*. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p. 101-129.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História: Experiências,

reflexões e aprendizados. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 43ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURTADO, João Pinto. A música popular no ensino de história: potencialidades e limites. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira (Org). *História e imagem: cinema, cidades, música, iconografia e narrativa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, p. 179-188.

GRILLO, Maria Ângela de Farias. A literatura de cordel na sala de aula. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 117-126.

GIDDENS, Anthony. A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social - democracia. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

_____. A terceira via e seus críticos. Rio de Janeiro: Record, 2001b.

GUIMARÃES, Selva; GUIMARÃES, Iara. Narradores de Javé e narrativas de professores: espaço, tempo e identidades. In: SILVA, Marcos; RAMOS, Alcides Freire. *Ver história: o ensino de história vai aos filmes*. São Paulo: HUCITEC, 2011, p. 247-265.

LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente*. Brasília: Liber Livro, 2012.

LUCENA LIMA, Maria Socorro. *Estágio e aprendizagem da profissão docente*. Brasília: Liber Livro, 2012.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2009, p.168-183.

MARTINS, André Silva. A educação básica no século XXI: o projeto do organismo “Todos pela Educação”. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.4, n.1, p.21-28, jan.-jun. 2009. Disponível em <http://www.periodicos.uepg.br>. Acesso em 09\08\2018.

SAVIANI, Dermeval. *Da nova LDB ao novo plano nacional de educação*. 4ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Missão, objetivos e princípios. s/d. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br>>. Acesso em JUL. de 2018.